



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Semana Nacional de Mobilização pela Cidadania
e Solidariedade 2005 e lançamento do Prêmio Objetivos do Milênio**

Belo Horizonte-MG, 08 de agosto de 2005

Excelentíssimo governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência
da República,

Meu caro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e
Combate à Fome,

Meu caro Saraiva Felipe, ministro da Saúde,

Senhor Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Minha querida Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,

Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Meus queridos e queridas companheiros deputados,

Deputada federal Maria do Carmo,

Senhores deputados Ivo José, Leonardo Monteiro, Reginaldo Lopes e
Vadinho Baião,

Meu querido Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,

Meu caro Carlos Lopez, representante residente no Brasil do Programa
das Nações Unidas para o Desenvolvimento,

Meu caro Robson Braga de Andrade, presidente da Federação das
Indústrias de Minas Gerais,

Meu caro Jarbas Soares Júnior, procurador-geral de Justiça de Minas,



Senhor Oded Grajew, presidente – como durante muito tempo eu chamei o Oded de Oded Grow, agora estou chamando corretamente de Grajew – presidente do Movimento Social pela Cidadania e Solidariedade,

Meu querido companheiro, eterno prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro,

Minha querida Marília Campos, prefeita de Contagem,

Senhores prefeitos Ademar José da Silva, de Vespasiano; Carlos Roberto Rodrigues, de Nova Lima; Eugênio Pinto, de Itaúna e Marcílio Bezerra da Cruz, de Taquaruçu de Minas,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Secretários municipais,

Secretárias,

Secretários estaduais,

Secretárias,

Empresários aqui presentes,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Meus companheiros da imprensa,

A sociedade brasileira dá provas aqui, hoje, que está se mobilizando cada vez mais para que o nosso país alcance e, se possível, supere as Metas do Milênio até 2015.

Tenho certeza de que vamos sair daqui com o vigor redobrado, confiantes no resultado dessa campanha permanente, que conta com a participação voluntária de diversas entidades e com o apoio de muitas empresas privadas e instituições públicas.

Certamente o Estado sozinho não será capaz de resolver os problemas mais profundos do nosso país. A sociedade civil, sindicatos de trabalhadores,



entidades empresariais, igrejas, organizações não-governamentais, movimentos sociais, universidades têm um papel tão importante quanto o do governo para mudar, de fato, o Brasil.

Felizmente, o nosso povo tem uma capacidade imensa de se mobilizar em torno de grandes causas, e tem força e energia que estão ajudando o Brasil a saudar dívidas sociais que se acumularam ao longo dos séculos e, em muitos casos, se agravaram nos anos 90.

Em todos os pontos do nosso país estão acontecendo iniciativas que têm o objetivo de melhorar a vida dos mais pobres e fazer com que o Brasil cumpra as Metas do Milênio. Aliás, é impressionante a criatividade e a capacidade de empreendimento do nosso povo.

Eis uma razão a mais para que esta Semana Nacional da Cidadania e Solidariedade tenha um papel muito significativo nesse processo, ao dar estímulo e criar oportunidades de ação para tanta gente que quer fazer as coisas mudarem em nosso país.

No ano passado, entusiasmado com a iniciativa de vocês, levantei a idéia de que fosse criado um prêmio que reconhecesse e valorizasse nacionalmente as principais realizações em favor das Metas do Milênio. Hoje estamos aqui para lançar o Prêmio Objetivos do Milênio.

Juntos, numa forte parceria, o governo federal, por meio da Secretaria-Geral da Presidência da República e da minha Assessoria Especial, o PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, e o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade, formado por organizações não-governamentais e empresas com responsabilidade social.

O grande propósito desse prêmio é, sobretudo, estimular ações e projetos que ajudem o Brasil a cumprir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, formando um banco de práticas bem-sucedidas, que seja referência de política pública para toda a sociedade e governos estaduais, municipais e federal. Faço, aqui, portanto, um convite para que prefeituras, organizações



não-governamentais, movimentos sociais, instituições públicas se inscrevam e façam indicações, inclusive de iniciativas individuais, até o dia 7 de outubro. Em dezembro, vamos ter o orgulho e o prazer de entregar os prêmios, no Palácio do Planalto, aos que forem selecionados.

Meus amigos e minhas amigas,

Muito já foi feito e, certamente, muito ainda há por fazer, desde que 140 chefes de Estado e de Governo, representando 191 países, entre eles o Brasil, reuniram-se na Cúpula do Milênio da ONU, em 2000, e assumiram o compromisso de cumprir as Metas do Milênio até 2015.

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, um grande número de países viram o seu desenvolvimento, infelizmente, caminhar para trás na década de 90: em 46 deles as pessoas são mais pobres do que há dez anos; em 25 nações há mais pessoas com fome. Se esse ritmo for mantido, as Metas do Milênio simplesmente não serão alcançadas em boa parte do mundo. No caso da África Subsaariana, por exemplo, a extinção da fome e da miséria e o acesso ao saneamento básico são objetivos que só seriam atingidos depois de 2200.

É preciso, portanto, refletirmos sobre as condições necessárias para que alcancemos as Metas do Milênio, cumprindo a nossa parte e contribuindo, dentro das possibilidades, para que elas sejam atingidas em todo o mundo. Penso que essa Semana de Solidariedade, além do seu mérito próprio de mobilização e engajamento, é uma oportunidade muito especial para que a sociedade e o governo dialoguem mais diretamente sobre como o Brasil está cumprindo as Metas do Milênio.

Nesse sentido, quero destacar alguns resultados que o nosso país obteve nesses 31 meses, dando alguns exemplos concretos para que possamos fazer, cada vez mais, avaliações conjuntas. Esses resultados já são frutos de parceria com a sociedade num nível muito superior ao de qualquer outro momento da nossa história. Poderia falar sobre cada uma das oito macro



Metas do Milênio, mas vou me concentrar na primeira, que se refere ao combate à fome e a miséria.

Vocês sabem que esse é um dos principais objetivos do governo, o Fome Zero, que tem no Bolsa Família o seu programa mais abrangente. Desde o primeiro, nós colocamos o tema da fome como o grande destaque na agenda política do nosso país e vimos, com muita alegria, como a sociedade se mobilizou, de forma extraordinária, para enfrentar e superar o problema. Hoje, em todo Brasil, mais 7 milhões e 607 mil famílias, que vivem abaixo da linha da pobreza, já recebem os benefícios do programa Bolsa Família. São mais de 30 milhões de pessoas, das quais cerca de 18 milhões de crianças freqüentam escola, como parte das contrapartidas colocadas pelo programa.

Aqui, no estado de Minas Gerais, 876 mil famílias fazem parte do programa, sendo que quase 73 mil – como disse o Pimentel – vivem, aqui, em Belo Horizonte, o que equivale, na verdade, a quase 650 milhões de reais por ano injetados no estado de Minas Gerais para contribuir para a política de combate à fome.

Até o dia 31 de dezembro deste ano, esperamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias em todo país. Antes do nosso governo, não tinha o programa Bolsa Família e a transferência de renda era muito esparsa e não chegava a 2 bilhões e 200 milhões de reais. Hoje, 31 meses depois, estamos investindo 6 bilhões e meio de reais e, se Deus quiser, chegaremos, em 2006 com mais de 8 bilhões de reais no Bolsa Família.

Apesar de todas as dificuldades, esperamos que os brasileiros e brasileiras mais pobres possam fazer três refeições por dia. Trabalhamos todos os dias para atingir essa meta, que será um dos maiores orgulhos do nosso governo. Só quem nunca passou fome ou nem se preocupa com isso porque tem sempre a mesa farta, é que não dá a devida importância a esta verdadeira revolução humanitária que está ocorrendo no Brasil.

Com o Fome Zero, o Bolsa Família e outros programas, as pessoas



estão podendo se alimentar com as calorias e proteínas necessárias, o que é a primeira necessidade para quem está passando fome; e começando a ter oportunidade de conseguir um emprego ou gerar suas próprias fontes de trabalho.

Estamos possibilitando, por exemplo, que brasileiros que nunca tiveram um documento pessoal, tirem sua certidão de nascimento, carteira de identidade ou CPF podendo, assim, passar a ter existência oficial e, inclusive, participar dos programas do governo, inclusive abrindo conta bancária. Possibilitando, também, que participem de programas de alfabetização e recebam orientação para procurar um trabalho ou iniciar alguma atividade produtiva por conta própria.

Temos, ainda, realizado um conjunto de ações em fomento à agricultura familiar, com os programas de capacitação e compra de produção de pequenos agricultores, em um volume inédito de financiamento da produção. Para a atual safra estamos destinando 9 bilhões de reais, praticamente cinco vezes mais do que em 2003, quando fizemos o primeiro Plano Safra. Sem falar na reforma agrária em que estamos imprimindo qualidade, recuperando assentamentos, garantindo assistência técnica e crédito aos trabalhadores e suas cooperativas, e investindo o recurso necessário para cumprir as metas dos novos assentamentos. Estamos, assim, com bastante sacrifício, mudando, e muito, as condições de vida do povo pobre deste país.

Em relação à economia, contrariando as expectativas pessimistas de alguns, tiramos o Brasil da estagnação, retomamos o desenvolvimento e já geramos mais de 3 milhões, 135 mil empregos formais em 31 meses. A média mensal de empregos criados nos últimos oito anos, a média de empregos criados no nosso governo chega a 104 mil empregos por mês. Além disso, os benefícios pagos aos trabalhadores que ganham salário mínimo – este dado é muito importante, Carlos, você que é do PNUD, este é um dado muito importante porque explica que, mesmo com a política de juros altos, o comércio



no varejo tem crescido e a economia não tem estagnado – os benefícios pagos aos trabalhadores que ganham salário mínimo saltaram de 98 bilhões de reais, no comecinho de 2003, para 165 bilhões de reais em 2005. Sem levar em conta, sem falar nas iniciativas em investimentos feitos em educação, saúde e saneamento básico, promoção da igualdade entre os sexos, segurança pública, meio ambiente e outros setores, que beneficiam diretamente a grande maioria do nosso povo.

Meus companheiros e companheiras de Minas Gerais, em setembro, quando estivermos na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, para passarmos em revista as Metas do Milênio, vamos apresentar os nossos programas sociais e afirmar o quanto a participação da sociedade brasileira tem sido decisiva para que estejamos alcançando esse resultado. Vamos dizer que estamos trabalhando cada vez mais em parceria, não somente para cumprir nossas metas, mas também para lutar, juntamente com todos os outros países, pelo desenvolvimento econômico e social.

Nesse sentido, tenho muita esperança que, na Cúpula das Nações Unidas, possamos avançar na adoção de mecanismos alternativos de financiamento para combater a fome e a miséria no mundo e atingirmos, de fato, as Metas do Milênio.

Estamos convencidos de que os recursos materiais e humanos para solucionar os principais problemas do mundo de hoje já existem. O que tem faltado é maior decisão e vontade política.

Parcerias vigorosas, de governos e da sociedade civil, têm sido fundamentais para que possamos atingir nossos objetivos. Quero, por isso mesmo, enaltecer mais uma vez a força dessa Semana da Solidariedade, que se realiza pelo segundo ano consecutivo. Ela demonstra que a sociedade está fazendo a sua parte e que isso é decisivo para que sejamos vitoriosos.

Certamente, queremos dizer, meu caro Governador, meu caro Prefeito, meu caro Robson e ministros que estão aqui, e povo de Minas Gerais, algumas



coisas que justificam a criação do programa Fome Zero e, conseqüentemente, dentro do Fome Zero, o programa Bolsa Família.

Todos nós aqui sabemos que o objetivo principal, para resolver o problema da fome, é fazer a economia crescer, gerar empregos, gerar riqueza e distribuição de renda. Mas isso não é incompatível com programas considerados emergenciais, para que a gente possa tirar do sufoco as pessoas que estão no sufoco.

E vejam o que está acontecendo no Brasil. No Brasil, nesses 31 meses em que o Aécio governa Minas Gerais, em que eu governo o Brasil, nós já geramos 3 milhões e 135 mil empregos, dos quais, em Minas Gerais, praticamente 450 mil empregos criados, com carteira profissional assinada, o que não é pouca coisa num país que ficou, desde 1980, com problema sério de geração de emprego.

O Bolsa Família, só para se ter idéia, o Patrus já falou, mas no estado de Minas Gerais são 876 mil e 474 famílias que recebem ajuda, que é pouco, mas significa, somando tudo, 650 milhões de reais.

O que é importante, também, é lembrar que só... Havia uma coisa, Aécio, no Brasil, muito interessante, ou seja, toda vez que o governo, ao longo de muitos e muitos anos, anunciava o programa para a agricultura familiar, que falava tantos milhões para o Pronaf, isso desde que tem o Pronaf, a verdade é que a maioria dos contratos eram feitos na região Sul do país. Como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e uma parte do Paraná eram mais organizados que o restante do Brasil, em cooperativas, quando se anunciava um número, 80% dos recursos eram destinados aos 3 estados do Sul e o restante do país ficava, praticamente, com pouquíssima coisa.

O dado concreto é que os estados brasileiros, nos últimos 3 anos, tiveram uma participação extraordinária. E o Pronaf, no estado de Minas Gerais, governador, significa que os trabalhadores rurais, da agricultura familiar, contrataram, na safra 2004-2005, praticamente 600 milhões de reais



de contratos no Pronaf, como outros estados do Nordeste – a Marina é do Acre e sabe que lá não tinha quase Pronaf – e o dinheiro se espalhou pelo Brasil. Saímos de 2 bilhões e 200 contratados para 6 bilhões e 250 nessa safra. Deus queira que cheguemos a 9 bilhões na safra até 2006, para que a gente possa garantir que essas pessoas, mesmo não gerando empregos, que gere um posto de trabalho para um familiar. E isso impede que as pessoas venham para Belo Horizonte ou vão para os grandes centros urbanos. Esse é um dado que eu acho extraordinário.

Um outro dado, não menos extraordinário, é o sucesso que teve o ProUni aqui, no estado de Minas Gerais. Tinha gente que era cética com relação ao Programa, mas Minas Gerais, Belo Horizonte conseguiu 3.967 vagas, e o estado de Minas Gerais, que é uma coisa, para mim, extraordinária, ficou com 16.590 vagas, significando 14,8% dos 112 mil meninos.

Esse Programa é extremamente importante, porque esses jovens estavam predestinados a não ter oportunidade de estudar esse ano, se dependesse das universidades particulares.

Eu, depois de fazer a viagem para a Coreia, meus amigos, eu voltei mais convicto de uma coisa que eu vinha afirmando. Como eu perdi muitas eleições, eu afirmei muitas coisas durante as campanhas, de que não é possível qualquer país do mundo dar um salto de qualidade se não tiver um investimento na educação. O ProUni pode significar a entrada, nos próximos quatro anos, de 400 mil novos alunos nas universidades particulares, com bolsa. Uma coisa muito simples, ou seja, nós demos isenção de impostos para as universidades, e o equivalente ao valor dos impostos elas deram em vagas para o governo federal. Esta é uma coisa extraordinária, o Walfrido sabe, logo no começo, como eu me preocupei de arrumar vaga, ou seja, chegamos até a pensar em utilizar o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, e depois surgiu essa coisa mais criativa, que não precisou utilizar o dinheiro do Fundo de Garantia.



Mas uma coisa é importante, e aqui, Aécio, é uma coisa para Minas Gerais, pela pujança de Minas Gerais, pelo que Minas Gerais representa na economia brasileira, porque é o segundo estado em população, e porque possivelmente seja, de todos os estados brasileiros, o que eu mais conheço. Eu andei muito em Minas Gerais, andei por tudo que é vale, tudo que é vale que vocês podem falar, do Vale do Aço ao Vale do Jequitinhonha, ao do Mucuri, ao Vale do Rio Doce e a tantos outros vales eu viajei.

Mas uma coisa que é gratificante, Aécio, e, se Deus quiser, logo, logo voltarei a Minas Gerais junto com o Ministro da Educação para que a gente dê início e anuncie o início das obras. Nós estamos aqui em Minas Gerais criando a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, a Universidade Federal de Alfenas, a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri. Essas são extensões de universidades e a idéia básica é fazer extensões, criar novos campus, para que a gente não tenha que mandar um Projeto de Lei para o Congresso Nacional, aí você sabe como é, você manda um projeto, os caras querem aprovar outros projetos. Então, essas extensões vão permitir que a gente possa tirar um braço das universidades federais que estão nas capitais, normalmente, e levá-las para os lugares menos desenvolvidos do Brasil.

Porque atrás de uma universidade vai parte da inteligência do estado, vai parte do conhecimento do estado e, certamente, as universidades vão fazer com que Minas Gerais possa se desenvolver de forma mais justa e mais equânime, porque há uma diferenciação muito grande.

E, por último, dizer ao meu companheiro do PNUD, eu não sei se nós vamos conseguir atingir as Metas do Milênio. É um desafio, e eu acho que nós temos que trabalhar. Eu tenho andado muito o mundo, eu tenho feito boas provocações aos mais diferentes presidentes da América Latina, da África, do Oriente Médio, da Europa, todos os lugares em que eu vou, eu tenho provocado. Eu tenho provocado, porque normalmente esse tema não é um tema que está na ordem do dia se a pessoa não sabe o significado da fome.



Uma coisa é o pesquisador conhecer estatística e saber que tem gente com fome. Outra coisa é a pessoa se convencer de que se a gente não resolver o problema da fome nós não resolveremos outros problemas. Tem gente que fala: “mas por que é que não se investe em estrada este dinheiro que está dando para pobre?” Era uma saída, poderia resolver o problema, gerar alguns milhares de empregos, mas não resolveria o problema da fome.

Na verdade, esse Programa não é incompatível com tudo o que nós temos que fazer para desenvolver o país. Ele apenas é aquele balão de oxigênio de uma pessoa que tem uma crise de bronquite. Não adianta dizer que ele tem que fazer um tratamento, fazer vacina, fazer um monte de coisas. Se não colocar a máquina para ele respirar, ele morre. Então nós, na verdade, com esse Programa, estamos tentando fazer esse gesto primeiro com a esperança de que a gente possa resolver isso com o crescimento da economia no Brasil.

E eu acho, meus amigos e amigas de Minas Gerais, que Minas Gerais representa tanto para o Brasil ao longo da história, representa tanto, que não poderia ser em outro estado que nós viéssemos anunciar o Prêmio da Cidadania, incentivar os prefeitos, provocá-los democraticamente, provocar a sociedade para que fiscalize, comece a saber se os prefeitos estão fazendo, porque muitas vezes eles estão fazendo e nem têm em conta que estão fazendo.

Então, se nós fizermos essa boa provocação, se a sociedade participar – esse senhor que está aqui, na segunda fila, de terno azul, o nosso companheiro Teva, do Rio Grande do Sul – ele é o empresário que tem uma coisa fantástica, Aécio. Ele criou, já há uns quatro anos atrás, eles dedicam um sábado por ano, o segundo sábado de maio, para que os trabalhadores trabalhem de graça, ele dá a matéria-prima e as máquinas, e os trabalhadores escolhem a instituição que eles vão produzir roupa, seja para o hospital, seja para uma creche, de graça. Eu fico imaginando, com o poder que tem o



governo de Minas Gerais, quem sabe um dia convencesse a Fiat a produzir carros de graça para dar ao povo. A gente ganharia muito.

Muito obrigado, gente, boa sorte aos organizadores da Semana da Cidadania.